



AULAS DE EDUCAÇÃO PHYSICA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO CAMPINENSE (DÉCADA DE 1930): UMA ANÁLISE ADOTANDO A PERSPECTIVA DE GÊNERO

Alexandro dos Santos

Discente do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.
E-mail: alexandro dossantos09@gmail.com

Lais Vasconcelos Santos

Discente do curso de Enfermagem da UFCG.
E-mail: lais_lvs@hotmail.com

Fagner Arruda de Lima

Discente do curso de Enfermagem da UFCG.
E-mail: fagnerlim@hotmail.com

Karyanna Alves de Alencar Rocha

Discente do curso de Enfermagem da UFCG.
E-mail: kary.aar@hotmail.com

Regina Coelli Gomes Nascimento

Orientadora, Profª Dr. Docente do Curso de História da UFCG.
E-mail: reginacgn@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A cidade de Campina Grande nas décadas de 1920 e 1930, do século XX, vivenciava o auge do seu processo de desenvolvimento. Neste período emergiu várias instituições preocupadas com a educação dos jovens campinenses dentro de uma perspectiva educacional pautada em temáticas como: corpo, higiene e disciplina (ANDRADE, 2012), o que trouxe a adoção da disciplina de Educação Physica nas grades curriculares de algumas escolas, a exemplo do instituto pedagógico campinense.

O Instituto Pedagógico Campinense criado em 1919, pelo tenente Alfredo Dantas, torna-se para a população de Campina Grande o modelo ideal de Instituição de ensino voltada para as questões relacionadas à educação do corpo das crianças. O corpo da criança era o alvo da atuação de médicos, educadores e pais nessa empreitada pedagógica. A criança ao entrar na escola de imediato tinha seu corpo invadido por normas e cuidados que o tornava um sujeito disciplinado e higienizado (SOARES JÚNIOR, 2011).

O educandário seguia as modernas exigências do discurso médico-higienista da época adotando a prática da Educação Physica como meio de disciplinar, higienizar e retirar do corpo das crianças práticas cotidianas prejudiciais ao seu



corpo. As aulas ocorriam em separado, havia um horário e lugar diferente para meninas e meninos praticarem os exercícios físicos (LOURO, 2010).

A historiadora americana Joan Scott (2012), estudando o conceito de gênero, afirma que em nossa sociedade as pessoas não nascem feminino ou masculino, mas sim, se torna feminino e masculino, conforme as definições e as modelações que uma dada sociedade e cultura influenciam esses sujeitos.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho consiste em discutir como emergiu o Ensino de Educação Physica no Instituto Pedagógico Campinense entre os anos de 1919 e 1932, sob a perspectiva de gênero.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa documental, exploratória, explicativa, desenvolvida no ano de 2014. Como fonte de dados, utilizou-se a *Revista Evolução* publicada pelo Instituto Pedagógico Campinense entre os anos de 1931 e 1932.

Essa Revista foi digitalizada, transcrita e catalogada no projeto de pesquisa “CONSELHO HIGIÊNICO”: *SENSIBILIDADES E SABERES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE - PARAÍBA (1920-1940)*¹, financiado pelo CNPq.

Para desenvolvimento deste estudo, adotamos os artigos das fontes que atendiam nosso objetivo, realizamos leitura exaustiva e debates das interpretações pelos autores. A análise foi desenvolvida a partir da literatura relacionada à temática e para categoria de gênero adotamos o conceito abordado pela historiadora Joan Scott (2012).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao estudarmos o ensino de Educação Physica no Instituto Pedagógico Campinense nas primeiras décadas do século XX, percebemos as marcas da sociedade pautada em conceitos morais e cívicos, bem como, que o ensino acontecia levando-se em consideração as diferenças sexuais entre mulheres e homens, como podemos notar no trecho abaixo encontrado na *Revista Evolução* e na observação da imagem 01, encontrada no decorrer desta seção.

¹ “CONSELHO HIGIÊNICO”: *SENSIBILIDADES E SABERES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE - PARAÍBA (1920-1940)* PIBIC/CNPq/UFPG-2013-2014.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

*Em todos os meios adiantados, já foi provada a grande importância da cultura física, porém em Campina Grande, cidade **Leader** do interior do Nordeste Brasileiro, esta verdade ainda não está evidente.*

Nossa gente tem ojeriza a tudo que se relaciona a esta instrução, para o sexo feminino.

É tachada de leviana, de fútil, e, até de louca, a jovem adepta dos esportes.

Há quem censure a educação do “Instituto Pedagógico”, porque neste estabelecimento a ginástica (um dos fatores da saúde humana) e outros exercícios físicos fazem parte integrantes de seus programas de ensino (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, Nº3, p.26).

Ainda em face ao trecho supracitado, verificamos as marcas da perspectiva educacional do Instituto diante ao corpo, higiene e disciplina e a busca do desenvolvimento das (os) campinenses, aonde para algumas pessoas era visto como algo inapropriado diante os papéis sociais atribuídos para mulheres e homens, para a direção da instituição era uma maneira de educar, preparando as meninas e os meninos para exercer suas funções perante a família, sociedade.

Guacira Lopes Louro, estudiosa brasileira do conceito de gênero, atribui que o ensino de Educação Física nas escolas brasileiras, transforma-se em uma das maneiras mais fáceis de separar genericamente os corpos feminino e masculino. “A Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças” (LOURO, 2010, p. 74).

As aulas de Educação Física no Instituto ocorriam separadas havia um horário e lugar distinto para meninas e meninos praticarem os exercícios, sobre o olhar vigilante do sargento Moises de Araújo. De acordo com Stephanou (2010), no ensino da educação física verificam-se as marcas quanto ao gênero, evidenciando a importância da mesma para mulheres, cujas qualidades biológicas dependiam a vida e a saúde de seus filhos.

Na figura 01, observa-se alunas da escola normal João Pessoa, realizando exercícios gymnasticos no Instituto Pedagógico, organizadas em filas, ao ar livre no pátio do educandário.

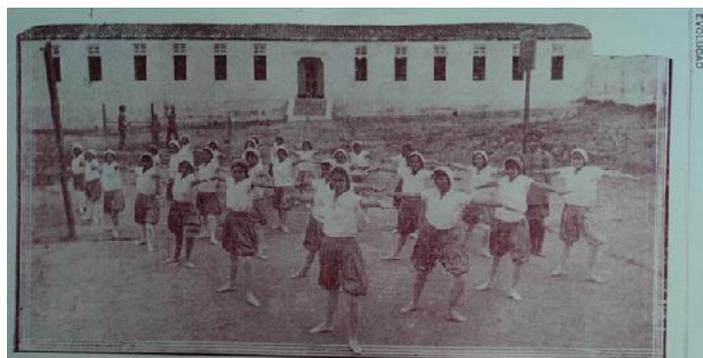


Figura 01: “Alunas as Escola João Pessoa, do “Instituto Pedagógico”, fazendo exercícios de ginástica sob a direção do sargento Moises de Araújo, instrutor daquele estabelecimento”.

FONTE: (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, Nº 1, p. 21).



Utilizavam roupas consideradas leves para a época, facilitando os movimentos com o corpo. Notamos marcas do poder disciplinar (FOUCAULT, 2010), exercido pela presença e instrução do sargento, a disposição das meninas em fileiras e as marcas do discurso higienista na estrutura e espaço do colégio.

Também podemos notar as marcas de gênero na imagem 01, ao fundo da imagem, tem-se meninos distraídos jogando futebol (esporte para homem), enquanto as meninas seguem à risca as instruções do instrutor responsável pelo ensino de Gymnastica.

Neste sentido, Goellner (2008) coloca que a pratica de atividades físicas deveria ser resguardada nas diferenças de sexo, devido as especificidades da natureza do corpo. Enquanto as meninas recebiam uma Educação Physica que as tornassem mulheres mais conscientes de seus afazeres domésticos, os meninos praticavam uma Educação Physica voltada para o desenvolvimento muscular e para o preparo do trabalho na grande indústria e no serviço militar.

O corpo feminino é visto como delicado, suave, belo. As atividades físicas praticadas pelas mulheres estavam voltadas para a maternidade e para manutenção da beleza feminina. A participação feminina em atividades físicas e esportes acontece com o intuito de embelezar seu corpo e torna-lo capaz de suportar os desafios da maternidade (SOARES JÚNIOR, 2011). O corpo masculino é um corpo másculo, forte e resistente. Capaz de suportar as batalhas cotidianas impostas pelo trabalho, além de exercícios físicos mais pesados, como futebol e basquete, e longas corridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto evidencia-se na implantação da disciplina Educação Physica no instituto pedagógico campinense a presença de questões de gêneros, advindas de marcas da sociedade que são evidentes até os dias atuais. A educação baseava-se em propostas para preparar as crianças em exercer os papéis sociais, onde mulheres estão associadas ao papel biológico de procriadora, mãe, frágeis e os homens vistos para exercerem trabalhos com poder e força-militar, indústria.

Percebe-se a contribuição da análise de gênero na compreensão de fatores que aconteceram/acontecem nas instituições de ensino que influenciam as



diferenças marcadas pelo corpo biológico e estimulam a formação de pessoas dentro de padrões considerados normais e aceitáveis pela sociedade. Nota-se essas marcas nos espaços educacionais e escolhas profissionais nos dias atuais, sendo o sexo feminino predominante em escolhas voltadas para atividades de cuidar, ensinar e o masculino para raciocínio, gestão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Vivian Galdino de. A compreensão de uma Modernidade Pedagógica através do Instituto Pedagógico Campinense (1919 – 1950). IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas 'História, Sociedade e Educação no Brasil', Universidade Federal da Paraíba, 31/07 a 03/08/2012, João Pessoa. **Anais Eletrônicos**. João Pessoa: UFPB, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica / Silvana Vilodre Goellner – Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. – 152 p. – (Coleção educação física).**
- LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- REVISTA EVOLUÇÃO**. Campina Grande - PB: Edição de 1931 -1932. Arquivo da Biblioteca Atila de Almeida – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Publicação Trimestral, n. 1 a 9.
- SCOTT, Joan W. **OS USOS E ABUSOS DO GÊNERO**. Tradução Ana Carolina E. C. Soares. Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, Dez. 2012.
- SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos Higidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924)**. / Azemar dos Santos Soares Junior. (Dissertação de mestrado). – João Pessoa - PB. [s.n]. 2011.
- STEPHANOU, Maria. Saúde pela Educação. Escolarização de Saberes Médicos na Primeira Metade do século XX. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro, RJ. I Congresso Brasileiro de História da Educação. Programas e resumos dos trabalhos. **Anais Eletrônicos**. Rio de Janeiro, RJ: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000. p. 327-328.
-